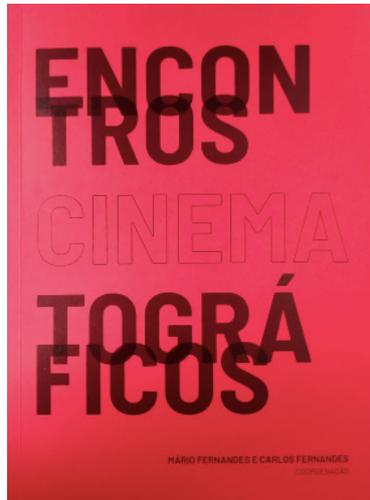


ENCONTROS: ENTRE FILMES, ENTRE PESSOAS

Giovanni Comodo ¹

Sobre FERNANDES, Mário e FERNANDES, Carlos (Org.). *Encontros Cinematográficos*. Município do Fundão, Portugal: Jornal do Fundão & The Stone and The Plot, 2020, 558 pp, ISBN 978-972-96499-3-6



RESUMO: Trata-se de uma resenha crítica do livro *Encontros Cinematográficos*, edição organizada por Mário Fernandes e Carlos Fernandes, publicado em 2020 por Jornal do Fundão & Stone and The Plot contendo 558 páginas. O referido livro possui 14 capítulos.

Palavras-chave: Encontros Cinematográficos; Portugal; Festivais de Cinema; Crítica de cinema; Entrevistas.

ABSTRACT: This is a critical review of the book *Encontros Cinematográficos*, edited by Mário Fernandes and Carlos Fernandes, published in 2020 by Jornal do Fundão & Stone and The Plot, containing 558 pages. This book has 14 chapters.

Keywords: Encontros Cinematográficos; Portugal; Film Festivals, Film Critic; Interviews.

1 Mestrando do Programa de Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – *campus* de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná. Vinculado à linha de pesquisa 1: Teorias do Discurso e da Produção de Sentido no Cinema e nas Artes do Vídeo. Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA). Membro dos Grupos de Pesquisa Eikos (Unespar/PPG-CINEAV/CNPq) e CineCriare: Cinema, criação e reflexão (Unespar/PPG-CINEAV/CNPq). Crítico de cinema e cineclubista. E-mail: gacomodo@gmail.com

A princípio, os Encontros Cinematográficos são um festival de cinema que acontece desde 2010 no interior de Portugal, no pequeno município do Fundão, localizado entre as serras da Gardunha e da Estrela, que conta com pouco menos de 30 mil habitantes. Contudo, provou-se mais do que isso: um momento anual de reunião de pessoas apaixonadas por cinema e por suas obras menos conhecidas e celebradas, um local de trocas e descobertas, uma central de produção de textos e materiais exclusivos e uma empreitada realizada com furor e independência típicas da região – que conta com um largo histórico de resistências, inclusive durante a ditadura salazarista.

Para celebrar dez anos de intensa atividade, seus coordenadores e programadores, Mário Fernandes e Carlos Fernandes (sem parentesco) organizaram o presente livro de capa escarlate, que contém todos os relatos, críticas e entrevistas elaborados para cada edição dos Encontros Cinematográficos: um capítulo para cada edição do festival e os outros quatro restantes para os três ciclos especiais promovidos e ainda um com registros da repercussão do festival na imprensa.

O livro impressiona por seu caráter coletivo: são 90 autores creditados, de diversas partes do globo, inclusive vários colaboradores brasileiros. Via de regra, para cada filme selecionado para o festival produzia-se uma crítica em forma de “folha da sessão” para acompanhá-la, mais uma entrevista com o realizador ou realizadora (normalmente inédita) e ainda era requisitada uma indicação de filme pelo(a) entrevistado(a), a qual, por sua vez, dava origem a uma outra “folha da sessão”. No volume, que compila toda esta produção escrita, é possível perceber a evolução do festival, em escopo e em profundidade crescente dos textos e entrevistas de cada ano. Para os fins desta resenha, trarei o destaque de cada capítulo referente a cada edição e ciclo dos Encontros Cinematográficos.

Referente ao programa do ano de 2010, quando o festival exibiu “Ruínas” (2009) de Manuel Mozos, o primeiro capítulo do livro traz uma entrevista com o diretor na qual revela que passou a gostar de cinema desde a primeira vez em que esteve em um, aos quatro anos de idade para uma sessão de “Bambi” (1942), além de tecer comentários sobre as diferenças entre dirigir documentários e ficções (2020, p. 30-32).

Sobre sua segunda edição, 2011, o segundo capítulo traz uma rara entrevista com a realizadora Manuela Serra, cujo único filme, “O Movimento das coisas” (1985), também foi exibido. “O Movimento das coisas” teve raríssimas exhibições até então e é objeto de culto por quem teve a chance de vê-lo: somente em 2021 chegará às salas portuguesas em circuito comercial. Avesa à cena do cinema, Serra deu uma entrevista reveladora para Manuel Mozos – cuja obra fora objeto de uma breve retrospectiva no mesmo ano. Sobre Mozos, a crítica no mesmo capítulo de Sabrina Marques sobre “Xavier” (2003), filme que levou 11 anos para ser finalizado, é especialmente inspirada (“Xavier’ é uma obra prima. Perante a raridade desta certeza, quaisquer palavras que lhe possa acrescentar serão inúteis. Não tenho dúvidas de que Xavier é o filme português que mais precisa de ser visto”, p. 58).

Em seu terceiro capítulo, a seleção de 2013 teve dois grandes destaques: “A Vingança de uma mulher” (2012), de Rita Azevedo Gomes, e “Wolfram, a saliva do lobo” (2010) de Joana Torgal e Rodolfo Pimenta. Duas entrevistas de realizadores que ainda não são reconhecidos o suficiente fora de pequenos círculos. No caso de Torgal e Pimenta, a entrevista realizada para os Encontros é a única disponível até o momento, na qual revelam o seu processo de filmagens dentro das Minas da Panasqueiras, muitas vezes em situações bastante perigosas.

Quarto capítulo: o programa de 2014, que contou com exibição de “Juventude em marcha” (2006) de Pedro Costa e “O Idiota” (2008) de Pierre Léon. Entre comentários sobre Fritz Lang, Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, a relação das pessoas com o cinema em suas vidas e o cenário atual da sétima arte, Costa, bem-humorado, afirmou em sua entrevista ali disponível “não temos crítica. Há uns moços de fretes” (p. 110).

No quinto capítulo, a edição de 2015 levou para o Fundão os realizadores Pedro Costa, Víctor Erice, Vítor Gonçalves e Andrea Tonacci. O livro conta com entrevistas e depoimentos de todos também neste capítulo. A entrevista com Tonacci, conduzida por Sergio Alpendre, conta com a participação de Cristina Amaral e é de uma sinceridade e delicadeza raras: o casal fala das dificuldades de realizar “Já visto jamais visto” (2014) e riem juntos de uma comparação feita com as parcerias de trabalho no cinema e na vida de Straub e Huillet (p. 128).

Em seu sexto capítulo, sobre a seleção do ano de 2016, o livro traz textos e entrevista sobre “Longe” (2016), dirigido por José Oliveira e estrelado por José Lopes, exibido ainda em versão não-finalizada. Além de ser um grande filme, no qual Oliveira – crítico de cinema e um dos programadores do Cineclube Lucky Star – tem a primeira oportunidade de realização com uma estrutura mais profissional, “Longe” se tornaria um dos títulos mais marcantes para a história dos Encontros Cinematográficos.

Pois se o livro deste festival celebra tantos encontros e suas amizades, novas e antigas, também o passar dos anos traz a sua parcela de desencontros e ausências. José Lopes é uma delas. Falecido em 2019, sua imagem sozinho com o olhar distante em “Longe” ilustra a orelha do volume – que é dedicado à memória de outros amigos cujas vidas perderam-se no percurso, como Andrea Tonacci, João Bénard da Costa, Alberto Seixas Santos e Michael Cimino, dentre outros.

O programa do ano de 2017, que compõe o sétimo capítulo, presta homenagens em textos pungentes a Tonacci, Seixas Santos e Cimino, falecidos no ano anterior. Os depoimentos de Cristina Amaral, José Oliveira e Marta Ramos sobre Tonacci estão entre as páginas mais emocionantes da obra.

O oitavo capítulo, referente ao ano de 2018, traz uma excelente entrevista com Marta Mateus, realizadora de “Farpões Baldios” (2017), média metragem rodado no Alentejo com moradores locais, em um trabalho sobre a memória daquela região e suas pessoas. “Todos nós crescemos nesta terra, temos essa relação. Talvez estivéssemos apenas a tentar encontrar juntos

essa linguagem um pouco esquecida, que todos nós, de certa maneira, sabemos de cor. É como começar duas notas de uma canção que todos conhecemos”, afirma a realizadora (p. 215).

Em seu nono capítulo, dedicado à edição de 2019, há novamente uma entrevista rara: desta vez com os realizadores Hiroatsu Suzuki e Rossana Torres a respeito de seu filme “Terra” (2018), exibido nessa ocasião pelo festival. Hipnótico, o filme acompanha o processo artesanal de fabricação de carvão no sul de Portugal. O capítulo também guarda um texto revelador sobre “Terra” escrito pelo crítico japonês Daisuke Akasaka: “As imagens e sons da televisão têm manipulado os nossos olhos e ouvidos, fazendo-nos ir atrás de informação verbal. (...) O filme “Terra” de Suzuki e Torres resiste a esta tendência do nosso mundo, redescobrimo a beleza do olhar que vê de longe, e também a beleza desse tempo em que as pessoas esperam pacientemente” (p. 265).

O décimo capítulo traz os textos referentes à edição mais recente dos Encontros, de 2020, que contou com os filmes “Vitalina Varela” (2019), de Pedro Costa, “Sophia, na primeira pessoa” (2019), de Manuel Mozos, “Os Conselhos da Noite” (2019), de José Oliveira, e “Guerra” (2019), de Oliveira e Marta Ramos, dentre outros. Para além das generosas entrevistas com estes realizadores, os textos de Chris Fujiwara sobre “Vitalina Varela”, relacionando-o à filmografia de Mikio Naruse, e o de Paulo Faria sobre “Guerra” são pontos altos – Fujiwara, autor de obras sobre Jacques Tourneur e Otto Preminger, dispensa apresentações e Faria tem um trabalho minucioso dedicado à memória da Guerra Colonial Portuguesa, tema que atravessa filme e os personagens de Oliveira e Ramos.

Os dois capítulos seguintes trazem os programas dos ciclos de exposições especiais realizados pelos Encontros Cinematográficos fora da época do festival, acompanhados de textos críticos a seu respeito.

No capítulo onze, o ciclo “Filmes Proibidos”, realizado entre os anos de 2013 e 2015, incluiu títulos portugueses de pouca exibição no país como “O Som da terra a tremer” (1990), de Rita Azevedo Gomes, “Uma Rapariga no Verão” (1986), de Vítor Gonçalves, e “O Movimento das coisas” de Manuela Serra.

O capítulo doze, por sua vez, é dedicado à mostra “Dar a ver”, realizada em 2017 com curtas-metragens portuguesas recentes que tiveram poucas oportunidades de exibição em salas de cinema ou festivais, com vários textos produzidos especialmente para a ocasião. Dentre os diretores com trabalhos selecionados, José Oliveira (“Braga”, 2010), Hiroatsu Suzuki e Rossana Torres (“Cordão verde”, 2009) e Nelson Fernandes (“Paths of Light”, 2013).

O capítulo treze do livro, denominado “Ecos na imprensa”, traz registros da repercussão dos Encontros Cinematográficos na mídia, inclusive com depoimentos de seus participantes – cineastas, críticos e debatedores e também membros da plateia, frequentadores do festival.

O último capítulo trata do ciclo “40 dias, 40 filmes: cinema em tempos de cólera”, realizado quando a edição de 2020 foi adiada em razão do agravamento da pandemia do COVID-19. Com o intuito de oferecer uma espécie de consolação às pessoas em um momento difícil, organizou-se uma lista de 40 filmes escolhidos por 40 convidados colaboradores presentes na história dos Encontros –

grande parte dos nomes já mencionados nesta resenha –, os quais foram disponibilizados diariamente online para serem vistos pelos leitores do Jornal do Fundão e outros interessados.

O que perpassa as mais de quinhentas páginas do livro é a certeza de que o cinema, afinal, se faz com pessoas. À frente e atrás das câmeras, nas salas de cinema, nas ruas após as sessões. O cinema como uma força aglutinadora que promove encontros e descobertas entre as pessoas. O livro é uma maneira de tornar física e organizada o grande trabalho de dedicação e resistência dos Encontros Cinematográficos, repleto de boas-vindas, despedidas, promessas de retornos, amizades, revelações e também filmes.

Ao leitor brasileiro, cumpre ressaltar uma informação importante: praticamente todo o material já se encontra disponível no site do festival², livre para explorar suas edições.

REFERÊNCIA

FERNANDES, Mário; FERNANDES, Carlos (Org.). **Encontros cinematográficos**. Município do Fundão, Portugal: Jornal do Fundão & The Stone and The Plot, 2020.

Recebido em: 30/01/2021
Aceito em: 04/02/2021

2 www.luzlinar.org/encontros cinematograficos/.